



A «ilegibilidade essencial» de António Aragão¹

Rui Torres

Universidade Fernando Pessoa / ICNOVA

DOI: 10.34640/universidademadeira2022torres

¹ Transcrição aproximada de texto lido pelo autor no MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira, Calheta, Madeira, dia 23 de setembro de 2021, na sessão Palavrando sobre “Artes e Experimentalismos”, com apresentação e moderação de Márcia de Sousa, no âmbito das Comemorações do Centenário do Nascimento de António Aragão.



A «ILEGIBILIDADE ESSENCIAL» DE ANTÓNIO ARAGÃO

Sabemos que seja qual for a linguagem - palavra, gesto, objecto - nem tudo é sempre legível, como nem tudo é sempre dizível, como nem tudo é sempre decifrável. E é justamente nessa zona de obscuridade determinada pelas limitações da expressão e da interpretação que se inscreve a *ilegibilidade essencial* do objecto de arte - o que nele fica por dizer, em silêncio, indizível - que é o que vai precisamente permitir inúmeras, talvez infinitas leituras criadoras.

Ana Hatherly (1975), *A reinvenção da leitura*, p. 24.

Por ocasião do centenário do nascimento de António Aragão, solicita-me o MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira um testemunho acerca das afinidades do autor madeirense com “Artes e Experimentalismos”. Talvez prefira uma pequena inversão na flexão de número: não “Experimentalismos”, mas Experimentalismo. A obra de António Aragão inclina-se para um questionamento muito *singular* acerca dos limites das artes e as suas criações investigam as fronteiras do conhecimento a partir de uma visão *original*. António Aragão *estranh(ad)o*: viajante, estrangeiro, livre. Circulando através de ofícios plurais, explorando as condições da sua (re)invenção. Desobrigado, insubmisso, independente.

Entender António Aragão e o seu legado exige conceber o “novo” como renovação de formas. Estranho, assim, na qualidade de *excêntrico*. A produção de António Aragão respira o descontínuo do presente, o contemporâneo presente que estava ausente do *seu* país. *Inter-nacional*, portanto, envolvendo elementos exógenos. Note-se, a este propósito, que Camões, passeando-se pelos oceanos até chegar à Índia; ou Fernando Pessoa, embarcando para a África do Sul (não sem antes parar na Madeira) para aí estudar; ou ainda Camilo Pessanha, vivendo e escrevendo em Macau - isso não faz desses autores poetas *internacionais*, pelo menos na aceção em que Aragão o foi. Aragão transitou, como eles, mas trouxe o mundo (e as novidades do mundo) para dentro do país (para o Funchal, para Lisboa), incorporando esse *mundo* na sua obra, oferecendo-o às obras dos outros: tutelando, divulgando, ensaiando.

A esse propósito, escreve Inês Cardoso, salientando a relevância das suas viagens para o *nosso* presente:

Perante um país, uma Europa e um mundo nos quais se perpetua a emergência de uma cultura progressivamente uniformizada e cujo objetivo se tem direcionado para a neutralização de qualquer ato contestatório, torna-se evidente que as preocupações presentes na obra de António Aragão permanecem, ainda hoje, inquietantemente atuais. (CARDOSO, 2018: s.p.)

Este viajar, que é simultaneamente um *atravessar* e um *desvairar*, implica, em Aragão, como Bruno Ministro propõe, no título de um artigo recente, “Confluência, Encontro e Rede”. Nas palavras de Ministro, Aragão incor-



porou uma dupla dimensão de confluência na poesia experimental portuguesa: “encontro convergente entre poetas portugueses” e “uma rede que serve de canal de comunicação entre as experiências dos poetas portugueses e dos seus companheiros estrangeiros” (MINISTRO, 2019: 27). António Aragão, portanto, elemento aglutinador das redes de criação e disseminação da poesia experimental portuguesa, agente de reunião, aproximando tempos e espaços diversos. E, ainda assim, mantendo a sua voz singular, a sua identidade própria.

Para compreender Aragão, para respeitar o seu papel de relevo e de revelação, para publicar e difundir Aragão, é também necessário confluir, encontrar e estabelecer redes: um trabalho de diálogo, colaboração e partilha, entre quem conhece(u) e quem tem (ainda) consigo a sua memória viva. Com serenidade mas ânimo, com persistência e tenacidade.

Como se pode ler na proposta, pública e aberta, de organização de uma homenagem tripartida ensaiada há mais de um ano,² uma aproximação à obra de António Aragão obriga a ter em consideração um conjunto de vetores, vertentes e modos operatórios que não são facilmente delimitados. Em consequência, a sua “multiplicidade da experiência” (ARAGÃO, 1992: 38) surge como um embaraço a suscitar questionamentos. Palavar sobre os seus poemas é discuti-los como problemas, como o próprio autor reconheceu no título de um dos seus livros de poesia.³

Em sintonia com as partidas e os devaneios, as viagens e as redes, António Aragão explorou itinerários vários, como tentamos reconhecer nestas sessões de *Palavrando*. Reforce-se, a partir da proposta de comemorações referida, que Aragão investigou a história, urbanismo, arqueologia e etnografia da Madeira; escreveu poemas, romances, contos, crónicas e teatro; ensaiou crítica e teorização das artes; organizou e dinamizou publicações coletivas, exposições, debates e intervenções; foi um provocador e agitador de ideias, procurando “um certo convívio social e humano” (ARAGÃO, 1994), sempre numa “atitude gostosamente polémica” (ARAGÃO, 1987: 151). Uma obra em contínua expansão, propagando-se em movimentos centrífugos, voltada para o futuro.

Este momento dedica-se a evocar a sua aventura com as Artes e o(s) Experimentalismo(s), interessando por isso relembrar que criou igualmente pinturas, desenhos, aquarelas, colagens, livros de artista e esculturas; compôs obras caracterizadas pela espacialização, constelação e visualismo; trabalhou em simbiose com vídeo, som e performance.

² Rui Torres, Bruno Ministro, Isabel Santa Clara e Emanuel Gaspar, orgs. *Multiplicidade da experiência. António Aragão (1921-2008), antena receptiva, que incluiu um Colóquio (os sinais são as evidências que permanecem sempre apontando), uma Exposição (um desejo inconcebível de abrir todas as portas) e estas Evocações (a imaginação passa de espelho receptivo a operante)*. <https://po-ex.net/antonioaragao2021/>

³ *Mais exactamente p(r)o(b)lemas*, 1968. Obra esgotada, reeditada em António Aragão, *Obra Re(Encontrada)* (Lisboa, Edições do Saguão, 2021).



A «ILEGIBILIDADE ESSENCIAL» DE ANTÓNIO ARAGÃO

Resumindo: Aragão circulou por entre aquilo que o próprio, competente crítico com habilitação teórica reconhecida, designou como “novas morfologias” (ARAGÃO, 1956: 24): “a poesia deve ser tomada por todos os sentidos”, escreveu (ARAGÃO, 1965b: s.p.); e ainda: “ler é igual a ver e ver igual a ler” (ARAGÃO, 1985: 185).

A *multiplicidade* de Aragão reside, em função disso, no seu interesse pela diversidade das práticas textuais. E, talvez por esse motivo, a sua obra se escuse ao reconhecimento, porque sempre se desdobra e multiplica; torne difícil o seu mapeamento e análise, porque se esconde e camufla. Exige sinergias, solidariedade.

Recuso-me a aceitar que seja uma obra *difícil*, embora reconheça que é exigente. Exige uma estética dialógica e dialogante, aspeto que se manifesta, aliás, como componente expressiva, nos seus trabalhos; é uma obra que demanda conhecimentos de fronteira. Como diria Ana Hatherly, aqui mencionada no título e em epígrafe, uma obra que “inscreve a ilegibilidade essencial do objecto de arte” (HATHERLY, 1975: 24).

A fragmentação discursiva, a sintaxe espacial, a mistura de caligrafia e/ou tipografia, imagens e ilustrações, colagens e objetos, aspetos significativos da sua invenção, não são difíceis, isto é, não são insuperáveis ou confusos. São formas de examinar e estimular a “cena do diálogo” de que falava Ernesto de Sousa (1979: 50), não de dificultar a interpretação do leitor. António Aragão era um educador, como tão bem reconhece António Barros no seu livro *Vulcânico Palavrador* (2021). Ora, nenhum educador e pedagogo que se preze procura tornar o conhecimento difícil. Parece-me que, por vezes, a pretensa dificuldade de um autor surge como desculpa para a preguiça do seu leitor. Como Salette Tavares contava a propósito da produção do seu poema visual “Os Efes”,

é mais difícil fazer passar a inovação junto de intelectuais do que daqueles que sem fórmulas ensinadas aprendem a frescura. Julga-se que para eles é difícil. Tudo é difícil para todos mas é bom que se habituem a considerar que devem desconfiar do fácil. O difícil intransponível só o é para a estupidez da rotina magnificada em que a cultura hábito é só a incapacidade criativa, neste caso, a surdez e a cegueira (TAVARES, 1995: 18).

Aragão entra pelas formas, abrindo-as, transformando a percepção em co-criação, reclamando do leitor que se transforme ele próprio, participando na renovação do objeto estético, completando-o no momento da apreensão (ecos, aqui, da *dialética das formas*, nunca publicada, de Salette Tavares). Por isso, o leitor, essa “antena receptiva”, tornado inter-actor (ARAGÃO, 1965a: s.p.), se vislumbra como centro da sua atividade.

Acresce a tudo isto que o tempo de Aragão é o tempo da Aldeia Global estudada por Marshall McLuhan, que ele conhecia, admirava e, ao mesmo tempo, questionava. Este questionamento crítico, satírico por vezes, reflexivo por outras, está patente na apropriação de discursos institucionais nas



suas eletrografias e outras manipulações verbo-visuais. As suas operações ao nível da transgressão do quotidiano geram situações inusitadas que constituem uma provocação simultaneamente lúdica e crítica. Essa é a voz singular de António Aragão: colhendo no mundo o seu húmus a decompor. Por esse motivo, um dos aspetos mais radicais da *poesis* de Aragão é essa “assassinatura” colocada no que criava (ARAGÃO, 2019: 11). Aragão conhecia a história das vanguardas. Não as copiou: ampliou-as. A obra de António Aragão não é Dadaísmo, não é Concretismo, não é Visualismo: é Aragão. Marca singular de um autor profuso e multifacetado.

Há, porém, que reconhecer que Aragão se desencantou multiplamente: isolado (numa ilha), distante (numa Vala Comum), singular (nas edições de autor), invisível (obras esgotadas ou por publicar), subterrâneo e esquecido, talvez até censurado. Solitário na sua pluralidade? Isabel Santa Clara fala de uma aproximação “da diluição da identidade com a da individualidade autoral” em António Aragão, uma “despersonalização”, “diluição do individual no colectivo” (SANTA CLARA, 2015: 48-49). Para a autora, a “propensão [de Aragão] para a transversalidade” pode ser associada ainda a um quase “desdobramento heteronímico” (SANTA CLARA, 2015: 51). Acrescentaria que também o conceito de rede, quando tornado operacional, permite reinventar noções de identidade, já que na pluralidade autoral também se pode (re)encontrar a liberdade individual.

Estas aparentes dificuldades não nos podem afastar da sua obra, antes devem ser oportunidade para *estranhar* o nosso tempo presente e o futuro que ele põe em perigo. Como escrevemos na nota de abertura da recente coletânea *António Aragão Obra Re-encontrada*, “estes processos artísticos hoje reverberam e agitam-se com uma nova energia em fricção com o tempo presente” (RIBEIRO, TORRES e MINISTRO, 2021: 7). A obra de António Aragão é festa e libertação, mas também sinal de desencanto com esse *Desastre Nu* que (ainda) nos entranha⁴.

É neste contexto que surge o experimentalismo (no) singular de António Aragão: aventura polifacetada, infusão de metamorfoses individuais e coletivas. Início de algo radicalmente novo, com o propósito de transgredir as convenções de produção criativa da época e de promover uma mudança, através da agitação cultural. Resistindo à comodificação e desafiando o conformismo, Aragão estaria consciente, como propôs Herberto Helder, que “[e]m princípio, não existe nenhum trabalho criativo que não seja experimental” (HELDER, 1964: 6).

Ainda assim, talvez o termo genérico “experimental” nos possa assistir na sistematização dessa variedade de coordenadas e práticas estéticas em que diferentes códigos e processos artísticos se misturam e agitam. Processos que resultam de uma consciência aguda da linguagem, da dilui-

⁴ Título de uma peça de teatro de António Aragão (Lisboa, Moraes, 1981), posta em cena pelo Teatro Art'Imagem no MUDAS_Museu no âmbito destas mesmas celebrações.



A «ILEGIBILIDADE ESSENCIAL» DE ANTÔNIO ARAGÃO

ção de fronteiras nos discursos mediatizados. A obra de Antônio Aragão é *experimental* no sentido em que promove uma reflexão crítica e um questionamento dos suportes, explorando novos processos e estruturas.

Ana Hatherly sugere que “[o] experimentador, como experienciador, aproxima a arte da vida, assumindo a responsabilidade de uma subversão da ordem estabelecida” (HATHERLY, 2001: 8). O experimentalismo de Antônio Aragão visa igualmente uma intervenção social vital. Circulando em formatos e canais alternativos, reinventa noções tradicionais de escrita-leitura, produção-participação, resistência-liberdade. A obra de Antônio Aragão é uma obra voltada para a ação e para a subversão. Os seus p(r)o(bl)emas são espaços de (auto)determinação.

O experimentalismo de Antônio Aragão não é difícil, é exigente. Não é descuidado, envolve método. Explora e problematiza a performatividade normativa dos instrumentos e dos materiais. Diverge intencionalmente do *mainstream*, dos museus oficiais e das academias literárias.

Antônio Aragão produziu uma obra que é uma alternativa ao silenciamento opressivo, criticando e ridicularizando os poderes repressores da liberdade. Antônio Aragão está vivo, 100 anos depois.

Referências bibliográficas

- ARAGÃO, António (2019), *Os bancos: antes da nacionalização*, 2ª ed. Lisboa: Tigre de Papel.
- ARAGÃO, António (1994), *Três faces de António Aragão* [Entrevista por Maria Luísa], *RTP Madeira*, 13'24". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c6LWST35Df4> .
- ARAGÃO, António (1992), "Arte do possível e religião do impossível", *Colóquio/Artes*, n.º 94, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 34-39.
- ARAGÃO, António (1987), "Tecnologia, arte e sociedade", *1º Festival Internacional de Poesia Viva* [catálogo], org. Fernando Aguiar, Rui Zink e E. M. de Melo e Castro, pp. 145-151. Disponível em: <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas/antonio-aragao-tecnologia-arte-e-sociedade/>.
- ARAGÃO, António (1985), "A escrita do olhar", *Poemografias: Perspectivas da poesia visual portuguesa*, org. Fernando Aguiar e Silvestre Pestana, Lisboa: Ulmeiro, pp. 175-188. Disponível em: <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/antonio-aragao-a-escrita-do-olhar-poemografias/>.
- ARAGÃO, António (1981), *Desastre Nu*, Lisboa: Moraes Editores.
- ARAGÃO, António (1965a), "Intervenção e movimento", *Jornal do Fundão, Suplemento «Poesia Experimental»*, org. António Aragão e E. M. de Melo e Castro, 24 jan., Fundão: s.n., s.p.. Disponível em: <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/antonio-aragao-intervencao-e-movimento/>
- ARAGÃO, António (1965b), [a poesia começa onde o mar acaba], *Visopoemas* [Catálogo], Lisboa: Galeria Divulgação, s.p.. Disponível em: <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas/antonio-aragao-a-poesia-comeca-visopoemas/>.
- ARAGÃO, António (1956), "O público e as novas morfologias", *Búzio*, n.º 1, org. António Aragão, Funchal: edição de autor, pp. 24-26.
- BARROS, António (2021), *Vulcânico Palavrador. Uma Elegia a António Aragão*, Calheta: MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira.
- CARDOSO, Inês (2018), "António Aragão", *A Europa face a Europa: poetas escrevem a Europa*, Porto: ILCM. Disponível em: <https://aeuropafaceaeuropa.ilcm.com/pt/verbetes/antonio-aragao/>.
- HATHERLY, Ana (2001), *Um calculador de improbabilidades*, Lisboa: Quimera.
- HATHERLY, Ana (1975), *A reinvenção da leitura: breve ensaio crítico seguido de 19 textos visuais*. Lisboa: Futura, p. 24. Disponível em: <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/ana-hatherly-a-reinvencao-da-leitura-breve-ensaio-critico/> .
- HELDER, Herberto (1964), [introdução], *Poesia Experimental*, n.º 1, org. António Aragão e Herberto Helder, Lisboa: edição de autor, pp. 5-6.
- MINISTRO, Bruno (2019), "Poesia Experimental Portuguesa: Confluência, Encontro, Rede", *MATLIT: Materialidades Da Literatura*, Vol. 7, n.º1, Coimbra: IUC/CLP-UC, pp. 11-31. Disponível em: https://doi.org/10.14195/2182-8830_7-1_1 .
- RIBEIRO, Rui Miguel, TORRES, Rui, MINISTRO, Bruno (2021), "Nota de abertura", António ARAGÃO, *Obra Re(Encontrada)*, Lisboa: Edições do Saguão, pp. 5-7.
- SANTA CLARA, Isabel (2015), "Da transversalidade e da transgressão da autoria em António Aragão", *Cibertextualidades. Estudos sobre António Aragão*, n.º 7, Porto: Universidade Fernando Pessoa, pp. 45-52. Disponível em: <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/isabel-santa-clara-da-transversalidade-e-da-transgressao-da-autoria-em-antonio-aragao/>.
- SOUSA, Ernesto de (1998), "Vostell. A mesma não identidade", *Ser moderno... em Portugal*, eds. Isabel Alves e J. Miranda Justo, Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 43-54.
- TAVARES, Salette (1995), "Carta de Salette Tavares para Ana Hatherly [9 de Janeiro de 1975]", *Poesia gráfica. Salette Tavares*, Lisboa: Casa Fernando Pessoa, pp. 16-19. Disponível em: <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas/carta-de-salette-tavares-para-ana-hatherly/>